



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma dramaturgia irônica e de denúncia (II)

Na semana passada, comecei a escrever sobre a dramaturgia do escritor português José Luís Peixoto, dramaturgia, creio, desconhecida aqui no Brasil. Seu outro texto a que tive acesso é um trabalho um pouco mais longo (imagino que *Estrangeiras* é um espetáculo em torno de uma hora de duração, em ato único): chama-se *Vida inversa* e faz uma releitura da peça *Rinocerontes*, de Eugène Ionesco que, em algum momento, é referido explicitamente. Há uma Madame Berenger, por exemplo, enquanto personagem. Há uma invasão de bicicletas na cidade - ao invés dos rinocerontes do dramaturgo romeno - mas também há uma referência direta à dramaturgia de Alfred Jarry, já que um dos personagens, Botard, autoidentifica-se enquanto um "patafísico", invenção do começo do século XX daquele dramaturgo.

O enredo gira em torno de um grupo de pesquisadores encarregados de propor um projeto para a cidade de Bucareste. Por que Bucareste? Exatamente porque é a capital do país de origem de Ionesco. Este grupo de pesquisadores dispõe de dois equipamentos que os auxiliam, a "máquina de supressão das necessidades" e a "máquina de expressão comunitária". Os personagens, incluindo uma Madame Boeuf (Senhora Boi, uma cartomante), Jean - que é, de certo modo, o líder, mas ameaçado por uma mulher que lhe cobra não apenas amor, mas sexo - mais a jovem Daisy, o Vereador de Bucareste que cobra o atraso no atendimento do serviço etc, são todos tipos absolutamente ilógicos, porque a peça se constrói exatamente sobre a ilogicidade que se pretende lógica. Este é o debate que o patafísico propõe ao grupo e que evidentemente não tem solução: tanto a lógica quanto a falta de lógica não têm lógica alguma...

Daisy acaba se auto-imolando na máquina de expressão comunitária, de sorte que, no último quadro, assim como os personagens de Ionesco aderiam aos rinocerontes, à exceção de Berenger, que resiste, aqui todos aparecem pedalando suas bici-

cletas, aderindo à moda que, pouco antes, haviam considerado ridícula. De novo, a peça de Peixoto faz uma bela e cáustica análise dos apoios gratuitos e de interesse a certas bandeiras, notadamente aquelas popularizadas através de redes sociais. Não por acaso, os personagens se valem de dossiês, arquivos, espelhos, computadores e por aí afora.

Em sua dramaturgia, Peixoto se permite experimentar temas e linguagens diversas daquelas que encontramos em seus romances ou contos, por exemplo. São montagens simples, sem grandes custos de encenação, porque embasadas fundamentalmente em espaços fechados, em que os personagens dialogam entre si, ainda que, quase sempre, sem nenhuma lógica.

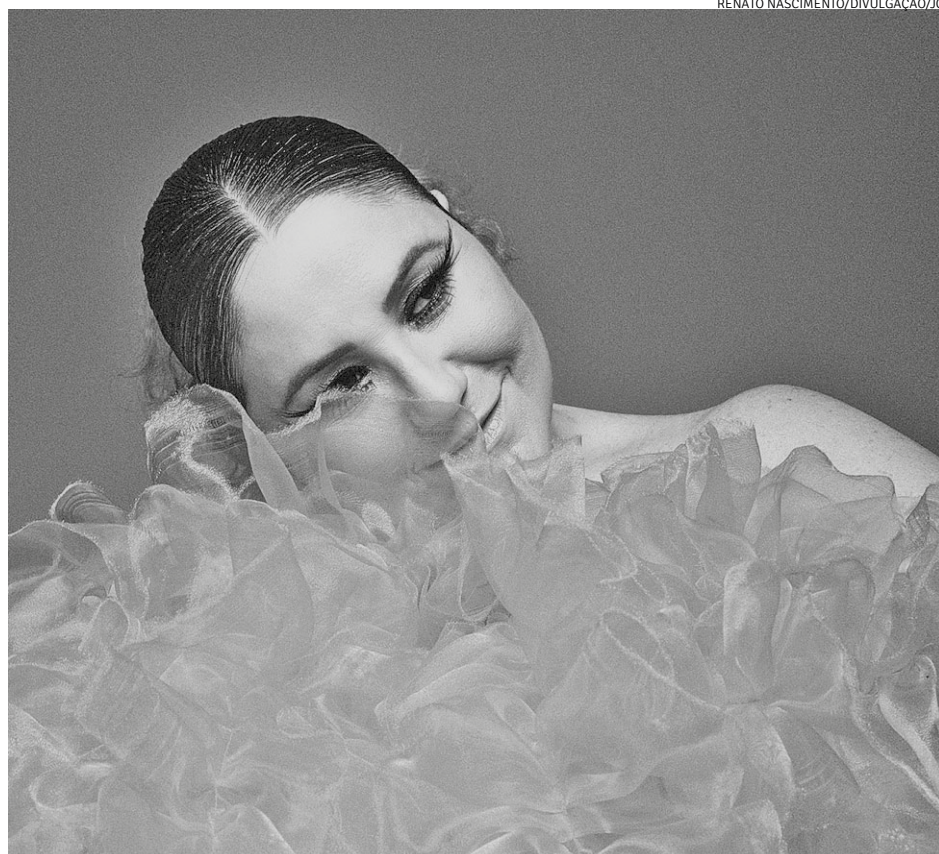
Visitar a dramaturgia de José Luís Peixoto evidencia a importância da dramaturgia em si mesma, enquanto modo de expressão e de comunicação. *Vida inversa*, já pelo seu título, indica a filiação ao *nonsense* do texto de Peixoto, que chama a atenção para a ilogicidade de certas iniciativas: a gente costuma dizer que, quando não se

pretende resolver um problema, cria-se um grupo de trabalho... Peixoto ilustra ironicamente a situação na prática, nesta encenação de três quadros (não chegam a ser atos, propriamente ditos) que, numa eventual encenação, podem ser reunidos, os dois primeiros, num ato, e o terceiro, num segundo momento do espetáculo, já que ele traz uma situação, mais do que modificada, invertida, como sugere o título da obra.

Vida inversa, assim como *Estrangeiras*, são obras que evidenciam, ainda, a maestria com que José Luís Peixoto lida com os diálogos e propõe jogos de palavras, chamando a atenção para a artificialidade e a falsidade das relações humanas. Creio que editoras brasileiras especializadas em dramaturgia, como a Cobogó ou a Giostri, poderiam, ou melhor, deveriam buscar esta dramaturgia que tem muito a ver com nossa realidade, além de ter a vantagem de não necessitar de tradução.

José Luís Peixoto
evidencia a importância
da dramaturgia
em si mesma,
enquanto expressão e
comunicação

RENATO NASCIMENTO/DIVULGAÇÃO/JC



"Quando veio (a crise), continuei trabalhando, o que não recomendo", relembra cantora

Maria Rita sofreu *burnout*: 'Medo de dar boa noite para o público'

Maria Rita abriu o coração ao relembrar o período em que precisou interromper a carreira por causa de um *burnout* severo. A artista revelou que passou por uma profunda crise de identidade, perdeu a confiança no próprio trabalho e chegou a temer subir ao palco. O processo de retomada, segundo ela, só foi possível ao reencontrar, simbolicamente, o "colo" da mãe, Elis Regina (1945-1982).

Segundo a cantora, o esgotamento já vinha se instalando havia algum tempo, mas atingiu o limite em 2024, quando o caminhão que transportava todo o equipamento de seus shows foi roubado, um investimento de mais de 20 anos.

"Quando veio, continuei trabalhando, o que não recomendo. A sensação era das coisas saindo do controle afetivo, emocional, de mim mesma no palco, da paixão, da entrega. Isso começou a me escapar e virou uma bola de neve", disse a artista ao jornal O Globo. "Porque veio uma crise existencial, me senti uma mentira. Nunca parei de entregar o que meus fãs estão acostumados, mas olhava aquele roteiro no chão e falava: 'O que eu estou fazendo? Que enganação eu sou'. Não é a síndrome da impostora, que também já tive, era mais complicado."

Ela contou que o medo passou a fazer parte da rotina antes dos shows.

"Medo de dar boa noite para o público, de não lembrar de letra, de travar na boca do palco. Aí falei: 'Mano, se eu não parar...'"

O retorno aos palcos acontece com a turnê *Redescobrir Vol. 2*, que estreia neste sábado, em Brasília (DF), e segue pelo País até dezembro, com passagem por Porto Alegre no dia 19 de dezembro, no Auditório Araújo Vianna. Maria Rita afirmou que a turnê surgiu justamente em meio à sua crise de *burnout*.

"Um dia, estava olhando para o nada, sem rumo, sem entender o que tinha feito de errado, e me veio a imagem de um palco branco e eu de vermelho, no centro. Foi um recado mesmo. Bem no período em que o caminhão com minha carga de equipamento foi roubado. Aquilo mexeu muito comigo. Já estava me sustentando com pouco e, com o assalto, eu quebrei. Levei um tempo até perceber que aquela imagem era um colo, um coração pulsante em cima do palco. Diante de tantos questionamentos, só uma pessoa poderia me fortalecer. Foi uma busca consciente pelo colo da minha mãe", salientou.

"Essa turnê me ajuda nesse lugar de colo, de ressignificar sentenças, poesias, melodias, de me permitir. Então, fiz tudo que queria, de um jeito bem exibido, enchendo meus olhos para encher os do público também".